

A fabricação historiográfica mística em Sobral (1922 - 1991)

Thiago Braga Teles da Rocha

Doutorando em História – UFPE

Professor SEDUC-CE

thiagorochoa90@outlook.com

Introdução

"Uma inquietação enorme fazia-me estremecer os gestos mínimos. Tive receio de endoidecer, não de loucura, mas de ali mesmo. O meu corpo era um grito latente. O meu coração batia como se falasse" (Fernando Pessoa, 1989, p.46).

Este texto tem como objetivo indicar as inquietações e problemáticas originais de pesquisa de doutorado, aprovado na seleção de 2019 da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que está em desenvolvimento sob a orientação do Professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, com previsão de conclusão em 2023. A pesquisa tem como objetivo a análise da fabricação do discurso historiográfico clerical com tons místicos sobre a cidade de Sobral, identificando o lugar social dos produtores e sua tentativa de construir uma narrativa de controle da temporalidade na cidade.

A cidade de Sobral, localizada na região noroeste do Estado do Ceará, é tradicionalmente uma grande influenciadora da política estadual¹. A Igreja é há muito tempo uma importante personagem nas relações de poder na cidade e se integrava aos embates que ultrapassaram as fronteiras da urbe. Além das lides políticas, ao longo do século XX, a Igreja foi protagonista em outra forma de disputa, a de certo controle da *temporalidade* que a evidenciaria. A historiografia produzida por clérigos tem papel fundamental nesse processo.

As fontes primárias desta pesquisa são compostas pelos textos historiográficos, publicados em livros e revistas (vinte e um conhecidos) dos clérigos sobralenses entre 1922 e 1991, com

¹ Desde 2006 é a oligarquia Ferreira Gomes, liderada pelos irmãos Cid e Ciro, que domina o executivo local (o atual governador reeleito, Camilo Santana, é apoiado pelo grupo). Outros representantes da política sobralense, sendo naturais da cidade ou apoiados por algum chefe político, lideraram o executivo ou vagas importantes do legislativo. Ciro (1990 e 1994) e Parsifal Barroso (1959 a 1963) são exemplos disso no executivo, ao passo que Francisco Monte e Plínio Pompeu, evidenciam a força da cidade em eleições para o legislativo federal. Especificamente sobre embates em níveis estaduais e até federais tendo como palco Sobral. Ver: ROCHA, 2017.

protagonismo para Fortunato Alves Linhares, Vicente Martins, Dom José Tupinambá da Frota, Francisco Sadoc de Araújo e João Mendes Lira. As obras mantêm entre si a característica comum de enunciar uma cidade com identidade mística e religiosa.

Delimitamos nosso recorte, entre 1922 e 1991, a partir da produção das principais e mais influentes obras da historiografia eclesiástica sobralense na construção de uma narrativa associativa entre Igreja e Sobral. Em 1922 é publicada pelo padre Fortunato Alves Linhares (1922), na revista do Instituto Histórico do Ceará, o texto “*Notas Históricas da Cidade de Sobral* (LINHARES, 1922). É a primeira obra historiográfica sobralense que temos registro. Em 1991 são publicadas duas obras de grande valor para nossa discussão. Um texto póstumo de Dom José pelo padre João Mendes Lira (1991), “*O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota*”, além de “*Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*”, do padre Francisco Sadoc de Araújo (1991). São as últimas obras da historiografia clerical sobralense.

Tais textos marcam a transição de uma escrita da história clerical para um postulado acadêmico. A partir da grade de 1996, o curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, passa a indicar a realização de monografias. Além disso, em fins dos anos 1990 e no começo dos anos 2000, vários professores da mesma graduação produziram pesquisas relevantes a partir da abertura de um Mestrado Interinstitucional (Minter) em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e com Universidade Federal do Ceará - UFC.

Que tipo de história foi escrita?

Estudar a fabricação do discurso associado a personagens da Igreja, é também estudar como nossa sociedade (re)produz, e (res)significa a história a servir para relações de poder. Dessa forma, podemos perceber este processo de escrita da história associada à uma prática do poder dentro da perspectiva que indica Michel Foucault (2009B) e a noção de “história-rememoração” ligadas a uma perspectiva de história como dimensão temporal, unitária e cumulativa participando “no exercício dos controles e na prática das dominações” (p.154).

O protagonismo clerical é ponto fundamental nessa linha de acumulação do passado em uma concepção de “história-rememoração”, que é trazida à tona em diversas ocasiões de

“comemorações”², como o centenário de nascimento de Dom José, em 1982, ou da Diocese de Sobral, em 2015. Dessa forma, (co)memorar junto a Igreja, ou melhor, ser rememorado junto a ela, simboliza a busca, de uma benção simbólica para ações na cidade de Sobral.

Lançamos a hipótese que os diversos textos biográficos sobre clérigos e outros homens-modelo, diluídos em variadas obras, tiveram um papel pedagógico na fabricação. Essa tradição passa pelo artigo do Monsenhor Vicente Martins (1926) e alcança textos do Padre Sadoc de Araújo (1985 e 2005) e do Padre Lira (1982). Eles constroem narrativas apologéticas, evidenciando detalhes que os transformam em componentes místicos da historiografia de Sobral. Por exemplo, Araújo (2005) evidencia sobre Dom José que, “[...] a História de Sobral, que ele escreveu com tinta e sangue, iniciou um novo capítulo. [...] As obras monumentais que realizou tornarão perene seu nome através da história (p. 57).

Narrativa desta matriz ainda são marcantes para as práticas de poder. Há, a partir delas, o entendimento de lides pela cidade acompanhada pela disputa pela temporalidade. Buscou-se a manutenção de um discurso hegemônico de posse sobre o tempo, garantindo a edificação de uma memória, é essencial para o exercício do poder. É a tentativa de construção de um *regime de historicidade*³ próprio em Sobral, inserido hoje em um *estrato de tempo*, concebido como de *longa duração*⁴. Isso é reforçado pela apresentação de Sobral como modelo por outros clérigos. Lira (1982) afirma que:

É bela, bem edificada, de ruas calçadas, espaçosas, de prédios bem construídos, de estilo moderno, com numerosos templos, a mais comercial e mais populosa de todas as cidades circunvizinhas, o empório comercial de todo o norte no bom-gosto e na fortuna, de uma vida intelectual, social, culta, adiantada, luzida de notável nobreza, e sobretudo hospitaleira, fidalga e imensamente católica (p. 37).

² Missas campais, rituais e desfiles marcaram as comemorações. Segundo Fernando Catroga (2005), “Com a convocação dos indivíduos para espaços públicos e ao ar livre, mostram-se representações com explícitos propósitos pedagógicos-cívicos, mormente na decoração, ordenação e composição dos desfiles” (p. 126).

³ Compreendemos o conceito a partir de Hartog (2014): “Assim, um regime de historicidade é apenas uma maneira de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias, justamente como se falava, na teoria política grega, de constituição mista (misturando aristocracia, oligarquia e democracia, sendo dominante de fato um dos três componentes)”. (p. 11). Percebemos que as fabricações historiográficas eclesíásticas sobralenses compõem, de forma mais ou menos equilibrada, essa composição temporal mista.

⁴ Partimos da noção de *estratos do tempo* em ao menos três perspectivas atrelada a experiência propostos por Koselleck (2014): “[...] a mudança da experiência também pode se efetuar a longo prazo, em passos lentos ou em surtos, transpondo imprevisibilidades e perplexidades espontâneas, nisso deslocando experiências geracionais ou interiorizadas. Então se transforma a curto ou médio prazo todo o modo de lidar com as experiências”. (p. 37)

Este é mais um nuance do tom da narrativa histórica empreendida pelos clérigos que modelizam a cidade e evidenciam detalhes. É como afirma Régis Lopes Ramos (2011), uma “arte de dar tempo ao espaço” (p. 9). A Igreja vira protagonista em uma tentativa de evidenciar um senso de unidade coletiva entre os sobralenses a partir dela. Ela uniria as pessoas através de um *telos* que rememorasse e legitimasse o passado. Dom Vasconcelos, em 2018, ainda evidencia que assume o discurso de “sobralidade”⁵, baseado em uma “comunidade imaginada” acompanhada de uma narrativa tradicional da história atrelada a Igreja, justificando o primeiro topônimo de Sobral como “*Vila Distinta e Real de Sobral*”:

[...]escutei da boca de um ilustre filho desta terra uma frase intrigante, ‘uma coisa é ser sobralense, outra é ter o espírito de sobralidade’, dizia isto recordando que a cidade de Sobral, antes de tornar-se cidade, era conhecida como Vila Real e Distinta por que não era proveniente de aldeamentos indígenas, nem de aglomerações quilombolas.⁶

Tal narrativa é abalizada, assumida e reproduzida por diferentes padres escritores da história de Sobral. É uma memória instituída no meio social ao longo do século XX, a partir da busca do controle da temporalidade em longa duração. Entendemos como função social do historiador esse ato de desafiar esse discurso mnemônico instituído. Usando as palavras de Albuquerque Júnior, “Violar memórias faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um novo sol para orientá-la” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 207).

Inerente a este processo de instituição de uma memória, de um imaginário, como diriam Certeau e Castoriadis⁷, um dos mais ativos clérigos foi o Padre Sadoc de Araújo (1991). Em “*Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*”, o texto é apresentado como uma construção original, pois “A quase totalidade dos dados aqui apresentados provêm de documentação primária, manuscrita e inédita [...]” (p. 7). A obra de Sadoc é repleta de *efeitos do real*, fabricados com o uso da documentação dita inédita, para justificar argumentações que não são inovadoras. Servem a uma

⁵ Esta noção tem sua origem formulada desde Barroso (1969), ex-governador do Ceará, e contemporâneo ao período final de Dom José, que em seu livro “O Cearense” tenta traçar um perfil característico dos homens do Ceará que os distingue do resto do país. Ali, inicialmente ele faz reflexões sobre a “cearensidade”, que é definida como “a palavra mais adequada à designação do conjunto de sinais, gestos e traços da cultura, realmente singulares e inconfundíveis, dessa encantadora gente de que venho” (p.15). Mas Barroso vai além ao flertar com Sobral como modelo. Essa é a origem da “sobralidade”, *a priori* pensada como “sobralização” (p.128).

⁶ CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. **Sessão Especial para entrega de títulos de cidadania e menções honrosas.** *Op. Cit.*

⁷ Sobre a fixação de um imaginário, ver: CERTEAU, 2010A, p. 43 e CASTORIADIS, 1982, p. 176.

versão oficial gloriosa para setores da sociedade. Sobral é para ele, “Distinta, porque não tivera origem indígena, ou bárbara, como se dizia então. Nem fora sede missões jesuíticas ou de outras congregações religiosas” (ARAÚJO, 1991, p. 29).

Esse tipo de narrativa é costurada por uma retórica que flerta com passagens bíblicas, indicando que a cidade tem diferenciais cristãos em sua história. Padre Sadoc enuncia que: “O português Manoel Ferreira Fonteles foi o antigo povoador mais prolífico da ribeira do Acaraú. [...] Sua primeira fixação na região e a enorme descendência de que é origem o caracterizam como o verdadeiro Adão do Vale do Acaraú” (ARAÚJO, 1991, p. 57).

É uma visão de história de acumulação do tempo dentro de um processo contínuo, possível através da participação de homens brancos como Manoel Ferreira Fonteles ou Antônio Rodrigues Magalhães, que possibilitaram, segundo esse ordenamento narrativo, o progresso de Sobral, alcançando os clérigos sobralenses, com destaque para administração clerical de Dom José. Os detalhes evidenciam as narrativas históricas místicas. O bispo é responsável pela reprodução desta visão de cidade associando “varões extraordinários” à civilização e um “surto de intelectualidade” (FROTA *apud* LINHARES, 1945, p. 5).

É a “Sobral de brancos” que é apresentada nas páginas da história local. Os indígenas que aqui viveram são ignorados pelo discurso, mesmo que reconhecidos dentro dos mesmos textos através de *testemunhos involuntários*⁸. Dom José reconhece a existência de indígenas na região ao citar um texto de Tristão Araripe (ARARIPE *apud* FROTA, 1995, p. 7). Mas não é a esses sujeitos que a historiografia sobralense oferta o papel de “Adão”, “varão extraordinário” ou responsáveis por “surto de intelectualidade”. É ao branco, de origem portuguesa, católico, que habitava estas terras, possibilitando seu desenvolvimento, em uma perspectiva *logocêntrica*. Partimos da compreensão de Derrida sobre essa ideia (2000),

É no sistema de língua associado à escritura fonético-alfabética que se produziu a metafísica logocêntrica determinando o sentido do ser como presença. Este logocentrismo, esta época da plena fala sempre colocou entre parênteses, suspendeu, reprimiu, por razões essenciais, toda reflexão livre sobre a origem e o estatuto da

⁸ Baseamo-nos em Melo (2013) e Ginzburg (2007) para entender a noção de “testemunho involuntário” e compreender a interpretação sobre a documentação produzida. Ginzburg (2007), ao resenhar a proposta de *fazer* História de Bloch, afirma que, “[...] Contra o ceticismo positivista que punha em dúvida o caráter fidedigno deste ou daquele documento, Bloch fazia valer, de um lado, os testemunhos involuntários; de outro, a possibilidade de isolar nos testemunhos voluntários um núcleo involuntário, portanto mais profundo”. (p. 10).

escritura, toda ciência da escritura que não fosse tecnologia e história de uma técnica apoiadas numa mitologia e numa metáfora da escritura natural. (p. 53).

Entender como os homens são transformados nesses “seres como presença”, apoiados na “mitologia” e na “metáfora da escritura natural” é um dos desafios que propomos em nossa pesquisa, entendendo que há viabilidade teórica e documental para sua realização, e objetivando que o produto final desta pesquisa sirva à sociedade a qual estuda.

Invenções e místicas

“Tudo é real, porque tudo é inventado” (Guimarães Rosa, 2003, p.85).

Ao pensar na infinitude de possibilidades de invenção do *real*, Guimarães Rosa faz ecoar as palavras de Michel de Certeau (2010B) em sua análise da *operação historiográfica*: “O que *fabrica* o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz?” (p. 65). É partindo desta problemática inicial (e central) do *métier* do historiador que buscamos orientar nossa pesquisa e dar vazão às nossas inquietações. Produz o historiador um real?

Para refletir e tentar responder estas problemáticas, nossa proposta se baseia na análise da *fabricação*⁹ de certa história de Sobral por clérigos, que associa Igreja e cidade, na sua elaboração a partir da revelação de *detalhes místicos* e o que Barthes (2004) chama de *efeitos do real*¹⁰, que sustentam essa produção historiográfica dando a elas uma perspectiva mítica¹¹.

Desejamos analisar os detalhes que possibilitam a fabricação mística, pois, “O discurso místico transforma o detalhe em mito: ele se agarra nisso, ele o exorbita, ele o multiplica, ele o diviniza. Ele faz disso sua historicidade própria” (CERTEAU, 2015, p. 13). Os *efeitos do real* associam-se ao emolduramento de uma temporalidade ideal.

⁹ Entendemos a noção de fabricação dentro da perspectiva de Certeau perpassando pelo *lugar social*, a *prática* e a *escrita*. Albuquerque Júnior (2013) agrega ao evidenciar suas intencionalidades de pesquisa, “O que chamamos de fabricação neste texto - outro conceito que compõe o título deste trabalho - são as operações que foram necessárias para esvaziar dadas práticas culturais, dadas matérias e formas de expressão de seus sentidos anteriores para que elas se tornassem significantes, formas disponíveis para assumir a nova significação atribuída pelos conceitos de folclore e de cultura nordestina”. (p. 30)

¹⁰ Para Barthes (2004), o discurso do historiador não alcança a realidade de que fala, mas não deixa de produzir um real, “[...], na história ‘objetiva’, o ‘real’ nunca é mais do que um significado não formulado, abrigado atrás da onipotência aparente do referente. Essa situação define o que se poderia chamar de *efeito do real*” (p. 178).

¹¹ Compreendemos “mito” na perspectiva abordada por Roland Barthes (1972), “O que é um mito hoje?. Darei desde já uma primeira resposta, muito simples, que concorda plenamente com a etimologia: *o mito é uma fala*. [...] pode-se conceber-se que haja mitos muito antigos, mas não eternos; pois é a história que transforma o real em discurso, é ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica” (1972. pp.131 e 132).

Estes discursos enunciam um esforço de criar uma noção de *distinção* na história da cidade associada a interesses e conceitos próprios. Dom José Tupinambá da Frota (1995), um dos “padres-historiadores”, por exemplo, ao apresentar a gênese da formação urbana,

Ao redor da Matriz e, mais tarde, da capela do Rosário surgiram as primeiras casas da povoação, geralmente baixas e quase sempre de tijolos e cobertas de telhas, e pertenciam a pessoas de boa linhagem, das quais descende grande parte dos habitantes de Sobral (FROTA, 1995, p.26).

Um povoamento do século XVIII que era marcado por casas de alvenaria e não de taipa? Pessoas de “boa linhagem”? Não há sustentação de fontes. Há o emolduramento de um passado ideal. Tais discursos não são nem “neutros” ou “naturais”. Perpassam por um processo de seletividades¹². Desejamos, a partir da *prosopografia*, interligar os produtores de história local aos seus lugares sociais, compreendendo além do entorpecimento escriturário:

O Outro que organiza o texto não é um fora do texto. Não é objeto (imaginário) que distinguiria do movimento pela qual isso (*Es*) se traça. Localizá-lo à parte, isolá-lo dos textos que se esgotam de dizê-lo é exorcizá-lo, fornecendo a ele um lugar e um nome próprios, é identificá-lo a um resto deixado por racionalidades constituídas, ou é transformar em uma representação religiosa particular (uma após outra excluída dos campos científicos ou fetichizada como substituto de uma falta) a questão que aparece sob a figura do limite; é postular por trás dos documentos um algo, indizível, maleável para todos os fins, “noite em que todas as vacas são negras”. (CERTEAU, 2015, pp. 22 e 23).

A narrativa da história é indissociável do *local* de onde o *texto* é produzido e de suas *práticas letradas*¹³. Entendemos que a Igreja foi a *instituição* que autorizou a produção dos clérigos, evidenciando assim a sua relação com o *lugar social* de produção. Entretanto, percebemos que os autores ou os lugares que ocupam não são fixos. Como adverte Albuquerque Júnior (2007), “O conhecimento histórico é perspectiva, pois ele também é histórico e o lugar ocupado pelo historiador também se altera ao longo do tempo” (p. 61).

Ao confrontar os textos dos padres historiadores com as fontes primárias que eles citavam foram evidenciadas as *seletividades*, os *não-ditos*, praticadas pelos clérigos, mesmo com um

¹² Partimos da noção de discurso de Foucault (2009A), “[...] toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (pp. 8 e 9).

¹³ Sobre o conceito de *práticas letradas*, entendemos junto a Gleudson Cardoso que o texto escrito também é um *lugar*, dentro da perspectiva de Certeau. Ao ser praticado, transforma-se em um *espaço*. Ver: CARDOSO, 2016 e CERTEAU, 2009, p. 185.

discurso de “produção da verdade”, no singular. Estes textos se tornaram referências para a produção de história na cidade, produzindo um *sensu de herança* e utilizações políticas.

Figura 1 - Primeira propaganda eleitoral televisiva de Ivo Ferreira Gomes



Fonte: <https://www.facebook.com/FalaIvo/videos/526620314210408>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

Dom José, bem como outros clérigos e a própria Diocese de Sobral, tiveram sua imagem usada em vários momentos para a disputa pelo poder cidadão. Na imagem acima, o rosto dele é o primeiro a aparecer, a ser evidenciado. Didaticamente, através de uma linha do tempo, têm-se a fabricação de um discurso marcado pelo construtivismo associado a Dom José e a Cid, que fora prefeito de Sobral entre 1996 e 2004, além de governador do Ceará entre 2006 e 2014. Cid apresenta o “herdeiro” Ivo Gomes, ao passo que tenta se apresentar como herdeiro do bispo. Os estratos do passado se sucedem e se autorizam.

Por que isto ainda ocorre? Como este discurso foi fabricado para produzir ainda hoje, passados quase sessenta anos do falecimento do prelado, tamanha presença de sua imagem nos jogos políticos da cidade? Michel de Certeau (2015), mais uma vez, nos ajuda a refletir sobre estas problemáticas, “A historiografia é uma maneira contemporânea de praticar o luto. Ela se escreve a partir de uma ausência e só produz simulacros, por mais científicos que sejam. Ela coloca uma representação no lugar de uma ausência” (p. 15). Observamos que as representações colocadas no lugar da ausência de Dom José e de outros clérigos servem a diversos interesses.

Propostas de interlocuções

"-Lhe vou confessar miúdo. Eu sei que é verdade: não somos nós que estamos a andar. É a estrada" (Tuahir para Muidinga In.: Mia Couto, 2007, p. 103).

O caminho em que anda o historiador mantém semelhanças com os desafiantes destinos perpassados por Tuahir e Muidinga em “Terra Sonâmbula”. Muidinga perde a memória e é guiado por seu amigo na obra ao passo que o historiador é guiado por documentos e autores em busca da história. Trafegamos por uma estrada tão complexa quanto à deles, o *tempo*. De fato, no tempo, nosso *fio* condutor, “não somos [apenas] nós que estamos a andar. É a estrada”. Ele é essencial para

a história em Bloch (2001, p.41), Chartier (2009, p.68) ou Albuquerque Júnior (2007, p. 65) que evidencia por onde desejamos caminhar.

A compreensão de que o tempo pode ser manipulado a partir da prática historiográfica, vista a partir das noções de *regime de historicidade* (Hartog) e de *estratos de tempo* (Koselleck), dão condições para problematizar como certa escrita da história de Sobral empreendeu a tentativa de criar pontos de parada nesta estrada uma perspectiva de enunciação de detalhes, que mistificaram as ações dos atores sociais que deixaram certas marcas enquanto caminhavam no passado. Estas ações revelam a tentativa de elaboração de um pressuposto marcado por “idades místicas”, associado às marcas da Igreja na cidade. Para Le Goff (2003):

Para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores em face do desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas e, por vezes, inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades, segundo uma certa ordem (p. 283).

Esta tentativa de controle do tempo impõe um limite: a estrada em que estamos sempre continua a andar, mas nós não. Temos um ponto de parada, desconhecido, mas certo. O peso dessa consciência é latente na historiografia. A escrita histórica é uma relação profunda com a morte. Ricoeur pondera, a partir de Heidegger, que é através da consciência da condição histórica que reunimos condições de atestação no passado e no futuro. Entretanto, a escrita parte de um ponto que passa pelas três possibilidades temporais, foi um futuro em potência, hoje é passado, mas no momento da escrita era *presente*, que também tem sua atestação:

Ao que é preciso juntar a atestação no presente sustentado pelo posso, modo verbal de todos os verbos de ação e de paixão que, em *Si mesmo como um outro*, descrevem o homem capaz: capaz de palavra, ação, narrativa, imputação; essa certeza no presente enquadra a atestação no futuro e o testemunho no passado (p. RICOEUR, 2007, 373).

O empreendimento do modo verbal “posso”, remete no caso sobralense, ao *poder* de uma certa escrita sobre *outros*, mas revela muito sobre *si mesma*, deixando as marcas de seu *lugar social*, bem como os *experiência*. Isso vai de encontro a Koselleck (2014), “[A história] é, por definição, a expressão mais pura de uma ciência da experiência” (p.20).

A documentação que trabalhamos indica que a experiência histórica dos historiadores do clero sobralense é utilizada em prol de uma posse do tempo. Observemos um fragmento disso na apresentação de uma das obras, “O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota”, publicado pelo

padre Lira (1991), “[Dom José] Entregou-me os originais e pediu-me que só os editasse quando todos os seus protagonistas estivessem mortos” (p. 7). A noção de história empreendida por Lira e Dom José é de que a publicação *a posteriori* do falecimento dos envolvidos nos embates imprimiria uma noção de verdade inquestionável.

Conseguir alcançar as pessoalidades inerentes às experiências é possível a partir da revelação das características individuais do autor/narrador do texto. É uma tarefa desafiadora, pois “por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais” (BENJAMIN, 1994, p. 197). A identidade dos padres-historiadores pulsa em suas narrativas. Por exemplo, Dom José afirma em sua obra versando sobre os embates contra o juiz Dr. José Saboya, que,

Lamento deveras que o Brasil inteiro tome conhecimento dessa via-crucis, que tenho corajosamente palmilhado, na minha terra natal, à qual sempre consagrarei todas as minhas energias só para vê-la feliz e próspera, e nada jamais contra os seus legítimos interesses. Verdade é que nunca fui tão vilipendiado como agora, mas *apelando para a Justiça de Deus, na voz da História, contento-me com a certeza de que, quem estas páginas ler, se há de pasmar ante tamanha coragem* (FROTA *apud* LIRA, 1991, p 7) (Grifos Nossos).

É uma perspectiva de história a partir da *escatologia*, que apresenta o bispo como mártir de um processo a ser observado no futuro. O discurso sobre si e sobre uma noção de história balizada pelo divino simboliza a tentativa de combinar um controle sobre um passado místico e um futuro divino. “Justiça”, “Deus” e “História” são as marcas de uma mística. Vale destacar que a relação entre mito e escatologia é muito produtiva. Mesmo como afirma Le Goff (2003) em diálogo com Ricoeur, tendo duas estruturas diferentes, pois mito olha para o passado enquanto a escatologia se revela pela profecia (p. 329), as duas perspectivas “aliaram-se para dar, por um lado, a ideia de uma criação entendida como primeiro ato de libertação, e, por outro, a ideia de libertação como ato criador” (RICOEUR *apud* LE GOFF, 2003, p.329).

Mas as pessoalidades não se revelam por si mesmas. Há várias possibilidades de escrita e narrativa sobre o passado, marcadas por *seletividades* que indicam *intencionalidades*, causam certa “impressão explicativa”, de forma variada. Para White (2008):

Distingo, porém, três tipos de estratégias que podem ser usadas pelos historiadores para alcançar diferentes tipos de “impressão explicativa”. Chamo, a essas estratégias, explicação por argumentação formal, explicação por elaboração de enredo e explicação por implicação ideológica (p. 8).

O texto histórico, produzido a partir de quaisquer das estratégias enumeradas por White, parte da construção de dispositivos de sustentação. O mais importante são as fontes. Elas orientam o ordenamento da historiografia. O arquivo (*arkhê*) “designa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*” (DERIDA, 2001, p. 11). Mas arquivos e historiadores não são imunes às seletividades. Rastros são evidenciados ou silenciados no tempo. Cabe a nós percorrermos essa estrada, na contramão, e alcançar confrontos entre passado e presente, pois, “[...] há lugares para a história que permitem confrontar o passado e o presente interrogando de outra forma os documentos e os acontecimentos, buscando articular o que desaparece com o que aparece” (FARGE, 2011, p. 9).

Podemos evidenciar um exemplo. O padre Sadoc de Araújo, em sua obra “Cronologia Sobralense” (cinco volumes), faz um trabalho de levantamento de fatos ocorridos em Sobral desde o século XVIII até 1950. Fez este levantamento a partir do arquivo da Cúria Diocesana de Sobral e dos jornais que circularam na cidade, entre eles o *Correio da Semana*. No dia 30 de março de 1946 são publicados vários textos conflituosos nesse periódico, opondo o então diretor do jornal, Padre Sabino Loyola e um deputado federal sobralense, Francisco Monte. Mas, mesmo usando a mesma fonte, Sadoc afirma que naquela data apenas que “A imprensa local elogia o Circo Nerino pelos bonitos espetáculos que está realizando na cidade” (ARAÚJO, 2015, p. 210).

É uma tentativa de negar os conflitos protagonizados pela Igreja na cidade. A nossa proposta se centra em revelar essas contradições instauradas na temporalidade em um discurso de verdade. As inquietações sobre o contexto ou personagens que escolhemos estudar já foram partilhadas por outros pesquisadores. Isso não tira nem a originalidade ou importância de nossa pesquisa, pois tanto os documentos quanto o objeto de pesquisa, como sua delimitação temática, se tornam diferenciais em comparação às outras produções. As obras, para quase todos os outros estudiosos, são bibliografias e não fontes primárias.

São os casos dos trabalhos de Silva Júnior (2002 e 2015) e Luciana Ferreira (2010), que usam fontes que trabalhamos como referências em suas pesquisas a fim de cercarem seus objetos. Silva Júnior pesquisa uma Sobral disciplinada entre 1920 e 1925 (2002) e faz um comparativo entre a religiosidade de Sobral e Juazeiro do Norte entre 1910 e 1920 (2015). Já Luciana discute o “Álbum do Centenário”, de 1941, e a produção de um imaginário.

Outro trabalho que entendemos como importante para nosso diálogo é a dissertação da historiadora Ana Carolina Rodrigues da Silva (2015). A autora reflete sobre o Padre Lira e sua

relação com sua produção, especialmente na coluna “*Nossa História*”, publicada entre 1970 e 1982 no jornal “*Correio da Semana*”. Ela ainda tece reflexões sobre o arquivo do clérigo e a separação documental existente após a sua morte (Ver: SILVA, 2015, p. 21).

O trabalho de Ana Carolina é importante para a compreensão do Padre João Mendes Lira como sujeito e escritor da história de Sobral. Entretanto, seu objeto não avança sobre discussões de diálogo com outros clérigos historiadores sobralenses e funcionalidades desta produção. Dialogaremos com ela quando problematizarmos o *lugar social* do Padre Lira.

A produção do professor Dênis Melo, principalmente a sua tese de doutoramento (2013), é fundamental para esta pesquisa. Sua inquietação está direcionada à análise de outro processo, o de invenção de uma cidade intelectualizada a partir da ASEL. Seus protagonistas são outros. Entretanto, Dênis Melo (2013) já reconhecia o papel que a historiografia sobralense tinha nas disputas da cidade ao afirmar que “*Notas Históricas da Cidade de Sobral* (1945) de autoria de Monsenhor Fortunato Alves Linhares e *História de Sobral* (1952), de D. José Tupinambá da Frota, dois outros aportes do *arquivo* da cidade letrada”(p. 148). As inquietações de Dênis Melo e o que ele chama de “transubstanciação do passado” são direcionadas a estes autores, em um diálogo aprofundado com a ASEL (sua problemática).

Não ignoramos os textos de memorialistas como, Lustosa da Costa ou Cesário Barreto. Mas partiremos de uma análise destas obras como *documentos* que se transformam em *monumentos* na abordagem sobre o passado de Sobral, ecoando a historiografia clerical.

Que percursos pretendemos perpassar?

“Quem vive no medo precisa um mundo pequeno, um mundo que pode controlar”. (*Kindzu* In.: Mía Couto, 2007, p. 103)

O historiador vive um eterno diálogo com a *morte* e com o *medo* do julgamento de sua narrativa, de seus personagens. Mas não objetivamos procurar suspeitos nem criminosos em nosso processo de pesquisa. Não estamos interessados em sermos juízes¹⁴. Uma narrativa é o produto de nosso trabalho e somos conscientes de que ela não deve condenar, e sim analisar e contextualizar. Temos que nos ater ao tamanho do mundo que pretendemos controlar.

Desejamos partir das obras de cinco principais autores que são protagonistas de certa narrativa sobre a história de Sobral. Autores estes que constroem um discurso que associa a Igreja

¹⁴ Concordamos com Ricoeur sobre as diferenças que separam a função do desafiadora do historiador e a do juiz. Ver: RICOEUR, 2007, p. 335.

e o desenvolvimento da cidade, tratando o primeiro bispo de Sobral como um dos principais vultos. Propomos trabalhar com vinte e duas obras historiográficas de cinco clérigos, entre livros e artigos, que são ponto de partida para esta escrita da história que, em vez desconstruir mitos, consolida-os no imaginário em Sobral.

Entretanto, desejamos antes refletir sobre nosso passo a passo. Para construirmos nosso texto, necessitamos realizar um processo refinado, metodológico. Um processo indiciário nos parece ser a escolha coerente para a nossa prática. Interligar o *fio* e os *rastros*, buscando contradições e novas informações nos depoimentos que nossos personagens deixaram no tempo, possibilita o encontro de maiores informações para reflexões. Para isso, a metodologia que projetamos é a proposta *dialética*, enunciada por Jörn Rüsen (2010). Com isso, podemos combinar os métodos *hermenêutico* e o *analítico*, pois,

Com isso, a subjetividade do contexto de sentido e a objetividade do contexto causal adquirem, indiscutivelmente, uma dimensão *histórica*: as mudanças realizadas e causadas pelo agir podem ser compreendidas melhor do que seria possível na autocompreensão e nos horizontes de interpretação dos seus sujeitos (p. 160).

Através do método *dialético*, ao analisar as fontes originais para a escrita dos livros, a maioria composta por periódicos e documentos sob posse do NEDHIS, comparando texto, publicação e documentos originais, evidenciando, através da *hermenêutica* e da *analítica*, as *intencionalidades* a partir de *seletividades* e *não-ditos*. A *análise do discurso*, entendida como um processo *hermenêutico*, é de grande valia para nossa atividade. Segundo Orlandi (2001),

Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político (p. 9).

Assim, problematizar como um historiador coloca o uso de suas fontes seletivamente em enredo é fundamental para a percepção de seus objetivos. Entendemos que as reflexões de White (2008) são caras às nossas intenções, ao propor estudar como essas “[...] explanações devem ser distinguidas da impressão explicativa alcançada pela maneira como ele pôs em enredo sua estória como uma estória de tipo particular” (p. 27).

Esperamos demonstrar o *lugar social de produção* dos clérigos e como a narrativa foi sendo criada e reelaborada no tempo. Para isso desejamos indicar uma biografia de grupo como alternativa para demonstrar as *pessoalidades* comuns. Planejamos partir da prosopografia. Sabemos que todo

método ou abordagem é marcado por possibilidades e limitações. Sobre as peculiaridades da prosopografia, “Em qualquer grupo histórico, é provável que quase tudo será sabido a respeito de alguns de seus membros e quase nada a respeito de outros; alguns itens faltarão para alguns e itens diferentes faltarão para outros” (STONE, 2011, p. 123). Sabendo de nossos limites, mas tensionando as possibilidades de construção de conhecimento histórico, objetivamos realizar nossa *operação historiográfica*, articulando a técnica e realizando uma escrita que busque sempre uma história-problema.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- _____. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste - 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses**. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.
- _____. **Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense LTDA, 1991.
- _____. **Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota**. 2ª ed. Sobral: Edições UVA, 2005.
- _____. **Cronologia Sobralense – 1911 – 1950**. 2. ed. Fortaleza: ECOA, 2015.
- BARROSO, José Parsifal. **O Cearense**. Gráfica Record Editora: Rio de Janeiro, 1969.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1972.
- _____. **O rumor da língua**. [Tradução de Mário Laranjeira] 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Ed. São Paulo: Braziliense, 1994.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O Ofício de Historiador** [Tradução de André Telles] Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador: “luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Ceará, 2016.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. [Tradução de Guy Reynaud] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo**. Fortaleza: edições NUDOC/Museus do Ceará, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránsky. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010A.
- _____. **A Escrita da História**. [Tradução de Maria de Lourdes Menezes] 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010B.

- _____. **A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1.** [Tradução Abner Chiquieri] Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução de Cristina Antunes] Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** [Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro] 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana.** [Tradução de Claudia de Moraes Rego] Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FARGE, Arlette. **Lugares para a história.** [Tradução de Fernando Scheibe] Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FERREIRA, Luciana de Moura. **Memória social, imaginário e representação no Álbum do Centenário de Sobral – 1941.** 2010. 156f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** [Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio] 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009A.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** [Tradução de Raquel Ramallete] 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009B.
- FROTA, Dom José Tupinambá da. **História de Sobral.** 3ª ed. Fortaleza, 1995
- GINZGURG, Carlo. **O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso, fictício.** Tradução de Rosa Freire d’Aguilar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução de Bernardo Leitão 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- LINHARES, Fortunato Alves (Padre). **Notas Históricas da Cidade de Sobral.** Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Tomo LV, abril de 1922.
- _____. **Notas históricas da cidade de Sobral.** 1712-1922. Março/1945.
- LIRA, Padre João (Padre). **A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota: primeiro Bispo de Sobral. (1882 – 1982).** [S.l.:s.n], 1982.
- _____. **Sobral dentro da área de Estudos Sociais.** 9ª ed. Sobral: S/E, 1988.
- _____. **O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota: 1º Bispo de Sobral.** Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história.** [tradução de Markus Hediger] Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2014.
- MARTINS, Padre Vicente. **Don José Tupynanbá: 1º Bispo de Sobral.** Revista do Instituto do Ceará. ANNO XL – 1926. P 97.
- MELO, Francisco Dênis. **Ele está no meio de nós.** In.: SOARES, José Teodoro (Org.). **Os caminhos de Dom José.** Sobral: Edições UVA, 2003.
- _____. **Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL e a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973).** 2013. 205f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 3ª ed. Campinas, SP. Pontes, 2001.
- PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula: o Ceará na escrita da história.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento.** [Tradução de Alan François] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, Thiago Braga Teles da. **“As lides da boa imprensa”:** A atuação e os discursos da Igreja Católica em Sobral (1941 – 1943). Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2013.

_____. **“De quem é Sobral?”:** As práticas Letradas, as Tensões Políticas e a Luta pela Temporalidade na Igreja Católica (1945-1953). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

ROSA, João Guimarães *apud* ALVES, Rubem. **Na morada das palavras.** Campinas: Papyrus, 2003.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado – Teoria da História II: Os princípios da pesquisa histórica.** [Tradução de Asta-Rose Alcaide] Brasília: Editora da UnB, 2010. P. 160.

SILVA, Ana Carolina Rodrigues da. **Os sentidos do passado ou o passado sentido: mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira.** 2015. 156f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. **“A Cidade Disciplinada”:** A Igreja Católica e os Trabalhadores Urbanos em Sobral-Ceará (1920-1925). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Recife – PE, 2002.

_____. **Cidades Sagradas:** da “Roma cearense” à “Jerusalém sertaneja”: A Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920) Sobral e Juazeiro do Norte. Fortaleza: Sobral: Edições ECOA, 2015.

STONE, Lawrence. **Prosopografia.** In.: *Revista de Sociologia e Política.* Curitiba - , v. 19, nº 39, 2011.

WHITE, Hayden. **“Meta-História: A Imaginação História do Século XIX”.** [Tradução de José Laurência de Melo] 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.